

A evolução espacial da criação de empresas 1991-1999

Fernando A. Costa Gaspar
Escola Superior de Gestão do
Instituto Politécnico de Santarém

Setembro de 2002

ABSTRACT:

O fenómeno do empreendedorismo tem vindo a assumir na literatura científica na área de gestão uma importância que à poucos anos dificilmente se poderia imaginar. Uma das razões para este protagonismo prende-se com a necessidade sentida pelos decisores políticos de incentivar a criação de pequenas e micro-empresas, reconhecida que está a sua importância na criação de riqueza e de emprego. Outra razão prende-se com a necessidade sentida pela comunidade científica em explicar as razões que levam ao desenvolvimento de um tecido empresarial denso nalgumas regiões, enquanto noutras isso não sucede.

Neste trabalho vamos começar por caracterizar aquilo que foi a evolução da criação e do encerramento de empresas no país e a respectiva repartição pelos diferentes distritos do país, durante a década de noventa, para em estudos posteriores procurarmos explicações para as diferenças.

1. INTRODUÇÃO

O aumento da investigação sobre empreendedorismo acaba por ser um reconhecimento da importância que o fenómeno assume no desenvolvimento das economias, facto já reconhecido por Schumpeter (1949) há mais de cinquenta anos. A importância atribuída pela literatura a este fenómeno estende-se a três campos principais: a criação de emprego, a inovação e a criação de riqueza. Em relação ao primeiro, Reynolds, Storey e Westhead (1994) estimam que, tanto na Suécia como nos Estados Unidos, cerca de metade dos empregos criados ao longo de um período de seis anos se deveram às pequenas e médias empresas criadas no mesmo período. Sobre o segundo, Reynolds (1994) acentua a importância das novas empresas para a inovação numa economia, não apenas pelas patentes registadas, mas também pelo desafio que vêm constituir para as firmas instaladas. Quanto ao terceiro, Reynolds, Storey e Westhead (1994) vieram mostrar também que, nos Estados Unidos, elevadas taxas de criação de empresas foram no período analisado uma condição necessária, embora não suficiente, para o crescimento económico. Mais concluíram que a criação de empresas acompanha quase sempre o crescimento económico.

Estas contribuições são corroboradas por Arend (1999), que cita estatísticas norte americanas, segundo as quais na década de 80 as pequenas empresas gastaram mais em I&D do que as corporações e criaram 20 milhões de empregos, enquanto aquelas contribuíram para o desemprego com fortes “downsizings”. Mais, segundo o mesmo autor, as PME's geraram 24 vezes mais inovações por cada dólar investido em I&D do que as empresas listadas na famosa Fortune 500. Já Barrett e Weinstein (1998) vão mais longe e consideram que às grandes corporações é virtualmente impossível serem verdadeiramente inovadoras: a preocupação do curto prazo e as infra-estruturas burocráticas sufocam a inovação.

Em face da importância que a investigação anterior atribuiu ao empreendedorismo e da escassez de estudos nacionais sobre o fenómeno, o presente trabalho pretende dar início a um estudo mais profundo e mais ambicioso sobre o fenómeno do empreendedorismo em Portugal. Aplicando a

filosofia dos pequenos passos, este trabalho pretende fazer uma avaliação da evolução do fenómeno na última década, não entrando em grandes interpretações ou análises, antes procurando identificar aspectos que mereçam ser estudados em maior profundidade. Para o efeito, foram recolhidos os dados disponíveis nas empresas de informação comercial sobre a criação e sobre o encerramento de empresas. Esses dados são apresentados na 2ª secção deste trabalho, enquanto na 3ª se vai procurar digeri-los e extrair o máximo de conclusões possível. O trabalho termina com as conclusões e, sobretudo, com a abertura de pistas para a investigação futura.

2. APRESENTAÇÃO DOS DADOS

A informação sobre a constituição de encerramento de empresas entre 1991 e 1999 foi recolhida junto da empresa “MOPE – Informação para Gestão de Empresas, SA”, sobejamente conhecida no mercado nacional. A cedência graciosa desta informação foi indispensável para a realização deste trabalho.

A informação compilada pela MOPE sobre a constituição de empresas é exaustiva e está repartida por distrito, o que permitiu a elaboração do seguinte quadro de resumo:

	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	Década
desconhecido	40	449	1.072	49	72	45	37	55	85	1.904
Aveiro	874	1.189	1.316	1.387	1.487	1.625	1.732	2.015	1.956	13.581
Beja	119	159	172	230	279	295	290	255	240	2.039
Braga	828	1.011	1.136	1.381	1.506	1.509	1.698	1.915	1.919	12.903
Bragança	103	128	216	244	236	244	224	258	205	1.858
Castelo Branco	165	222	248	335	349	361	357	387	418	2.842
Coimbra	470	657	742	783	885	839	933	1.128	1.211	7.648
Évora	191	219	281	287	321	431	370	367	342	2.809
Faro	687	885	886	921	1.037	1.075	999	1.103	1.249	8.842
Guarda	135	190	271	264	287	325	301	357	339	2.469
Leiria	699	878	977	979	1.080	1.156	1.246	1.483	1.488	9.986
Lisboa	4.651	5.749	6.832	6.593	6.603	7.061	7.209	7.882	7.944	60.524
Portalegre	121	205	189	209	237	274	272	256	199	1.962
Porto	2.418	3.118	3.616	3.806	4.160	4.328	4.428	5.418	5.141	36.433
Santarém	598	747	833	884	916	1.001	1.054	1.048	961	8.042
Setúbal	962	1.400	1.493	1.622	1.691	1.631	1.559	1.525	1.746	13.629
Viana do Castelo	213	241	310	335	391	399	409	485	403	3.186
Vila Real	141	213	270	282	305	337	353	386	341	2.628
Viseu	306	419	542	522	668	715	748	845	749	5.514
Angra do Heroísmo	24	48	62	62	68	39	33	71	56	463
Horta	21	27	53	27	29	38	33	38	18	284
Ponta Delgada	101	86	110	118	125	120	118	117	82	977
Funchal	333	506	786	493	743	1.014	1.023	1.154	801	6.853
Nacional	14.200	18.746	22.413	21.813	23.475	24.862	25.426	28.548	27.893	207.376

Tabela 1

Esta informação detalhada por distrito vai permitir a elaboração de análises individuais para cada distrito, sobre a evolução da constituição de empresas. Já a informação sobre o encerramento de empresas é menos rica, por não estar detalhada por distrito. Ainda assim a informação disponível permitiu a elaboração do seguinte quadro com os dados globais de criação e encerramento de empresas em cada distrito, no conjunto dos anos 1991 a 1999:

	Criação	Cessões	Líquido	% Criação	% Cessão	% Líq.
desconhecido	1904	27	1.877	0,9%	0,1%	1,0%
Aveiro	13581	1500	12.081	6,5%	5,8%	6,6%
Beja	2039	177	1.862	1,0%	0,7%	1,0%
Braga	12903	1436	11.467	6,2%	5,6%	6,3%
Bragança	1858	139	1.719	0,9%	0,5%	0,9%
Castelo Branco	2842	284	2.558	1,4%	1,1%	1,4%
Coimbra	7648	791	6.857	3,7%	3,1%	3,8%
Évora	2809	277	2.532	1,4%	1,1%	1,4%
Faro	8842	1211	7.631	4,3%	4,7%	4,2%
Guarda	2469	158	2.311	1,2%	0,6%	1,3%
Leiria	9986	1112	8.874	4,8%	4,3%	4,9%
Lisboa	60524	9042	51.482	29,2%	35,2%	28,3%
Portalegre	1962	194	1.768	0,9%	0,8%	1,0%
Porto	36433	4760	31.673	17,6%	18,5%	17,4%
Santarém	8042	934	7.108	3,9%	3,6%	3,9%
Setúbal	13629	2066	11.563	6,6%	8,0%	6,4%
Viana do Castelo	3186	246	2.940	1,5%	1,0%	1,6%
Vila Real	2628	239	2.389	1,3%	0,9%	1,3%
Viseu	5514	569	4.945	2,7%	2,2%	2,7%
Angra do Heroísmo	463	29	434	0,2%	0,1%	0,2%
Horta	284	15	269	0,1%	0,1%	0,1%
Ponta Delgada	977	113	864	0,5%	0,4%	0,5%
Funchal	6853	385	6.468	3,3%	1,5%	3,6%
Nacional	207.376	25.704	181.672	100,0%	100,0%	100,0%

Tabela 2

Refira-se que a informação fornecida pela MOPE se refere apenas a empresas, não incluindo qualquer referência aos profissionais liberais ou, sequer, aos empresários em nome individual. Não se pode portanto considerar que esta informação estatística abranja todo o universo do empreendedorismo pois uma parte da iniciativa empresarial acaba por se reflectir no lançamento de actividades em nome individual, sem a constituição de qualquer forma de empresa: unipessoal, por quotas ou anónima.

Para este trabalho considerou-se, no entanto, que a criação e encerramento de empresas seria perfeitamente representativa da evolução da iniciativa empresarial no país.

Note-se ainda que esta informação se refere a empresas constituídas e/ou dissolvidas em notário. Evidentemente que algumas das empresas constituídas podem não ter chegado a começar a trabalhar, da mesma forma que outras empresas podem ter deixado de operar, sem terem chegado a ser dissolvidas. Trata-se mais uma vez de uma série estatística representativa da evolução da

iniciativa empresarial, mas que não consegue abranger e descrever totalmente o fenómeno.

3. ANÁLISE DOS DADOS

A primeira impressão que se retira da análise da criação de empresas nos anos de 91 a 99 é a grande variabilidade deste fenómeno: houve anos em que foram criadas catorze mil empresas enquanto noutros anos esse número chegou ao dobro. Salta também à vista a tendência crescente que a criação de novas empresas assumiu durante estes anos. O ano de 1991 foi claramente o pior ano deste período, tendo registado a criação de menos 4.500 empresas do que em qualquer outro ano. Já o ano de 1998 registou um número recorde de criação de novas empresas, embora os últimos anos da década se tenham todos eles revelado muito férteis.

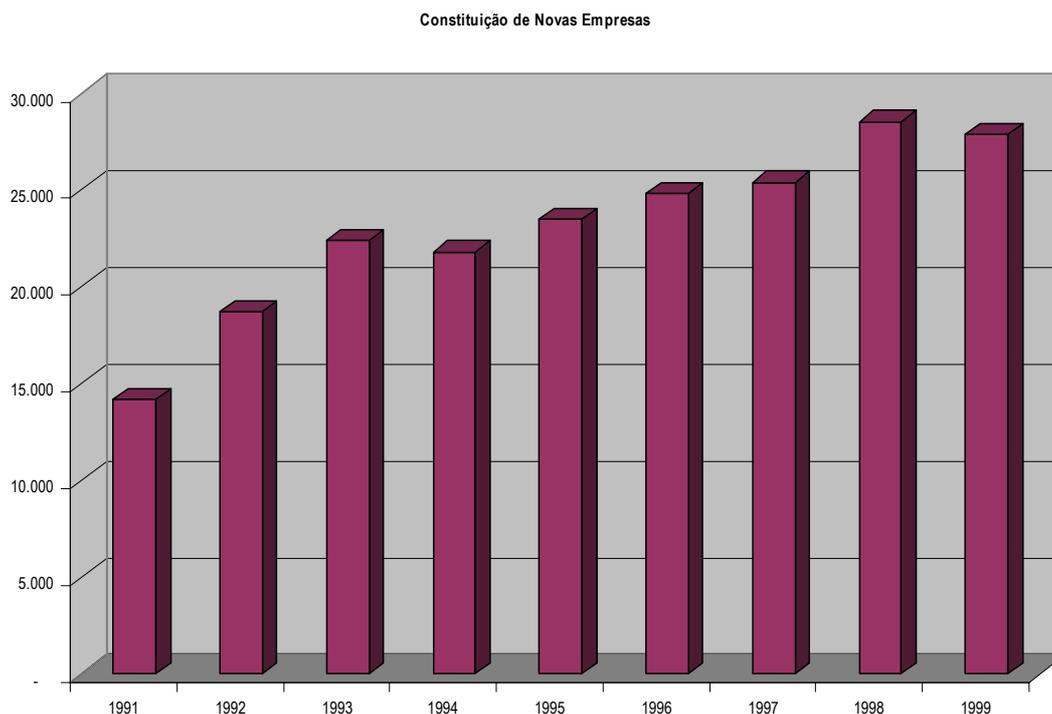


Gráfico 1

Decompondo esta série estatística por distrito, torna-se possível analisar a evolução do fenómeno de criação de novas empresas ao longo do país e, entre outras análises, verificar se ele segue o mesmo padrão que o total nacional.

Começemos por analisar a evolução verificada nas ilhas:

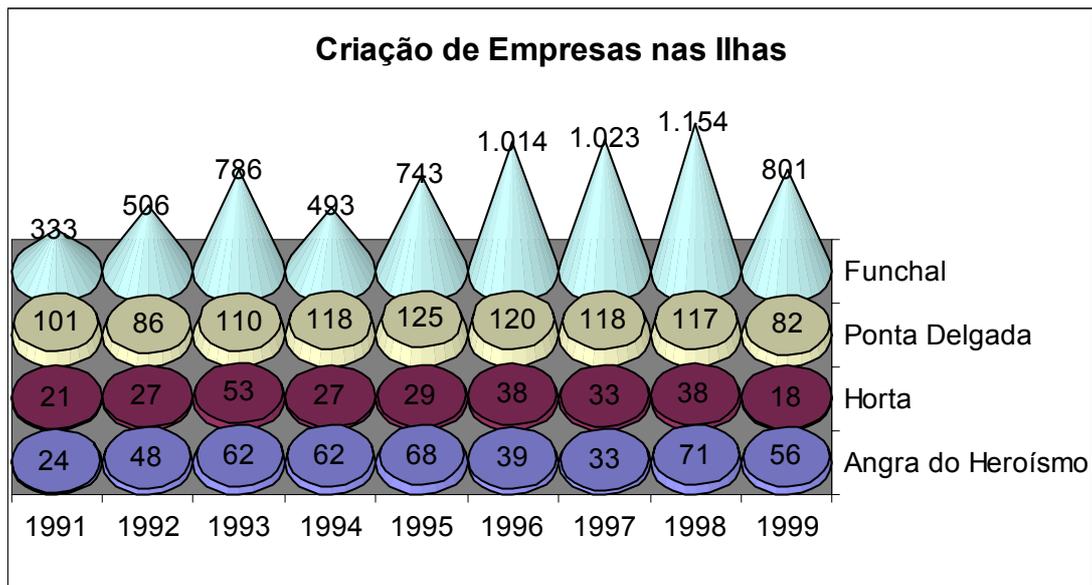


Gráfico 2

Neste gráfico podemos verificar a grande distância existente a Madeira e os Açores, onde o dinamismo foi claramente muito inferior. Se compararmos a evolução nestes distritos com o total nacional (gráfico 3) verificamos que a tendência de subida ao longo da década não é de todo seguida nos Açores, onde os anos seguintes a 1996 apresentam uma quebra que chega a ser acentuada. De resto os distritos açorianos são aqueles que registam um menor desvio padrão (entre 10 e 16) de todo o país, enquanto o total nacional apresenta um desvio padrão

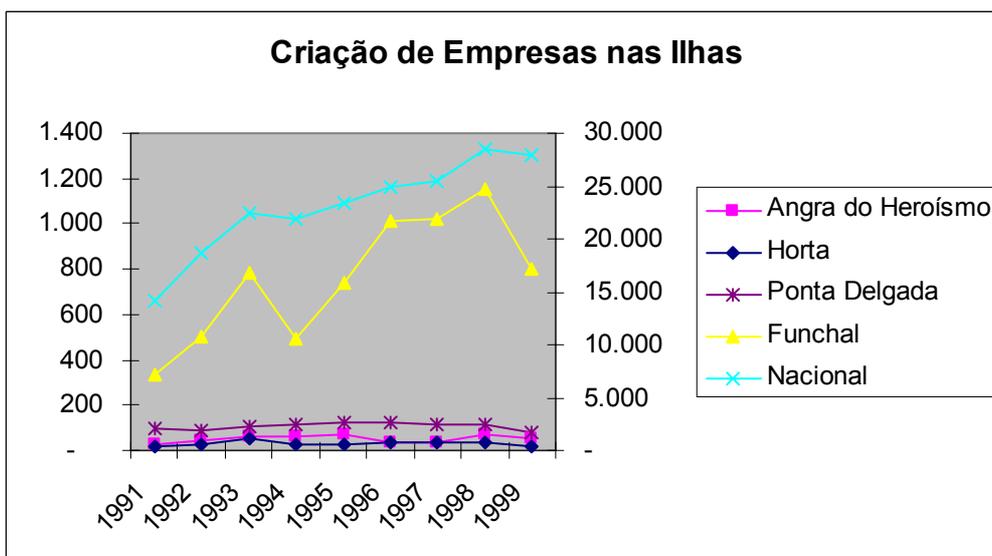


Gráfico 3

Passando ao Norte do país (gráfico 4), é fácil de constatar a grande distância que vai entre o dinamismo apresentado pelo Porto ou por Braga na criação de novas empresas e aquilo que se verifica nos distritos do interior ou em Viana do Castelo. Já no gráfico 5 se torna fácil constatar que os distritos do Porto e de Braga seguem de perto a tendência nacional, enquanto os restantes permanecem relativamente indiferentes a essa evolução.

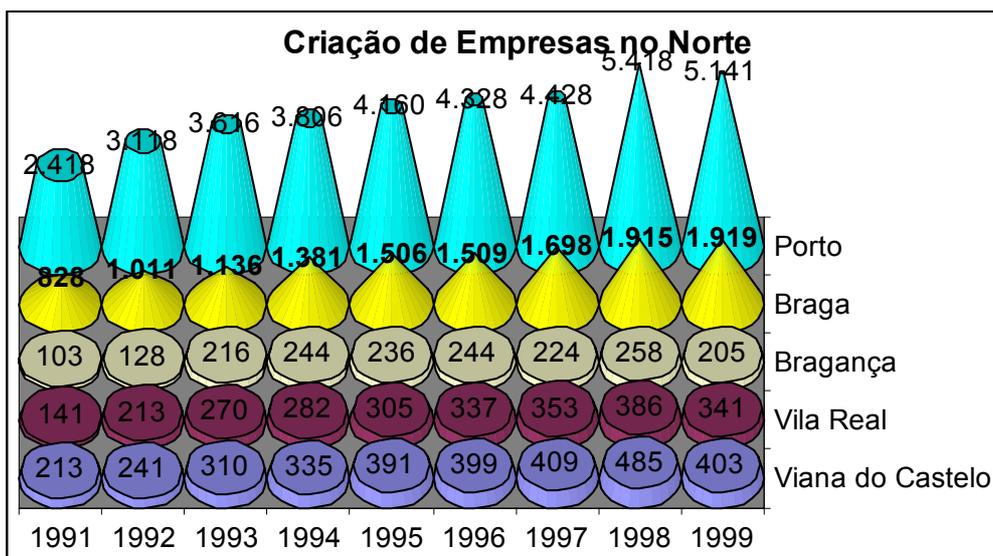


Gráfico 4

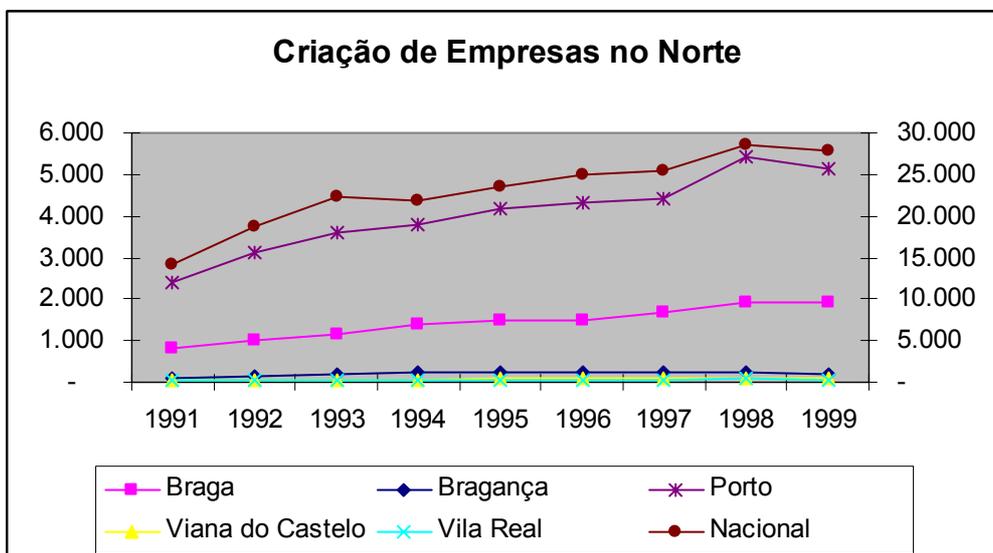


Gráfico 5

Olhando agora para o litoral centro, é possível observar o relativo equilíbrio nos números de criação de empresas nos quatro distritos (gráfico 6), bem como

verificar graficamente que essa estatística segue uma tendência muito semelhante à evolução do total nacional (gráfico 7).

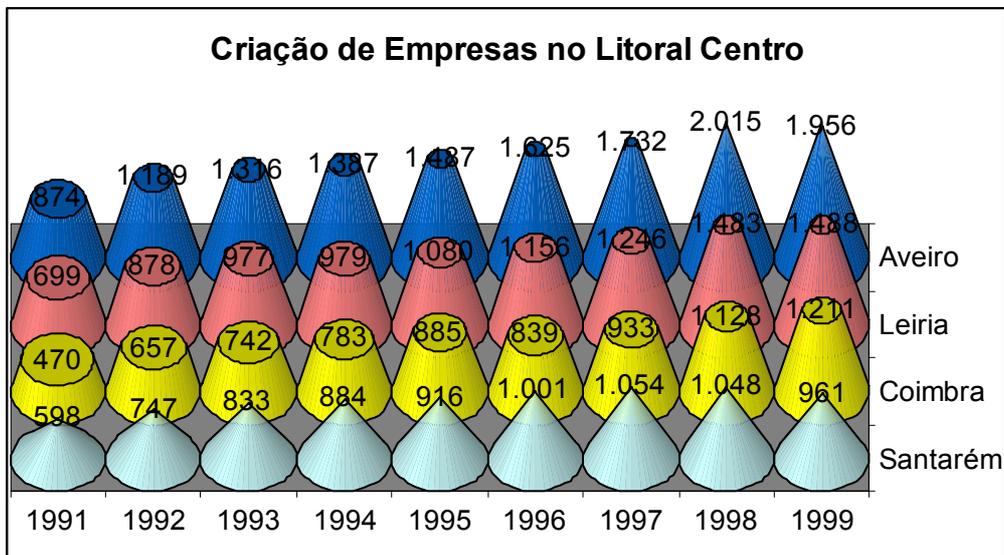


Gráfico 6

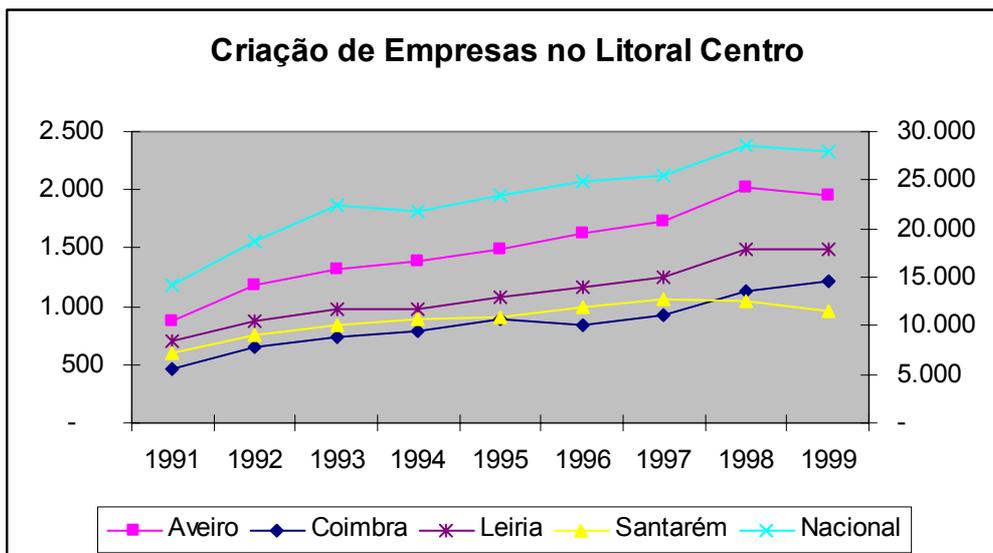


Gráfico 7

Estendendo de seguida esta análise para a região que se apelidou neste estudo de “interior centro”, verifica-se antes de mais uma enorme diferença para a região anterior (litoral centro), pois os números de criação de empresas são muito inferiores (gráfico 8). No entanto, a tendência ao longo da década é muito parecida com a seguida pelo total nacional, conforme se pode ver no gráfico 9.

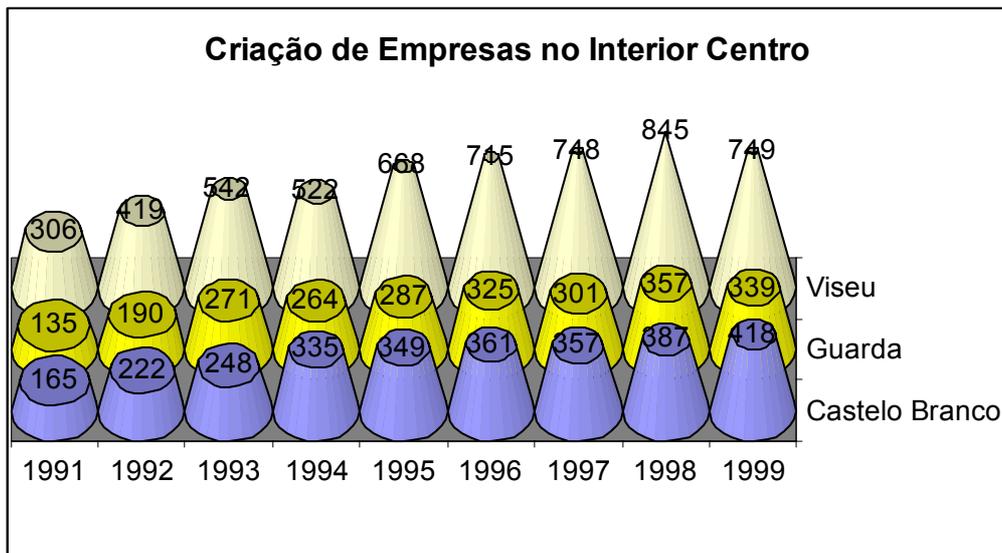


Gráfico 8

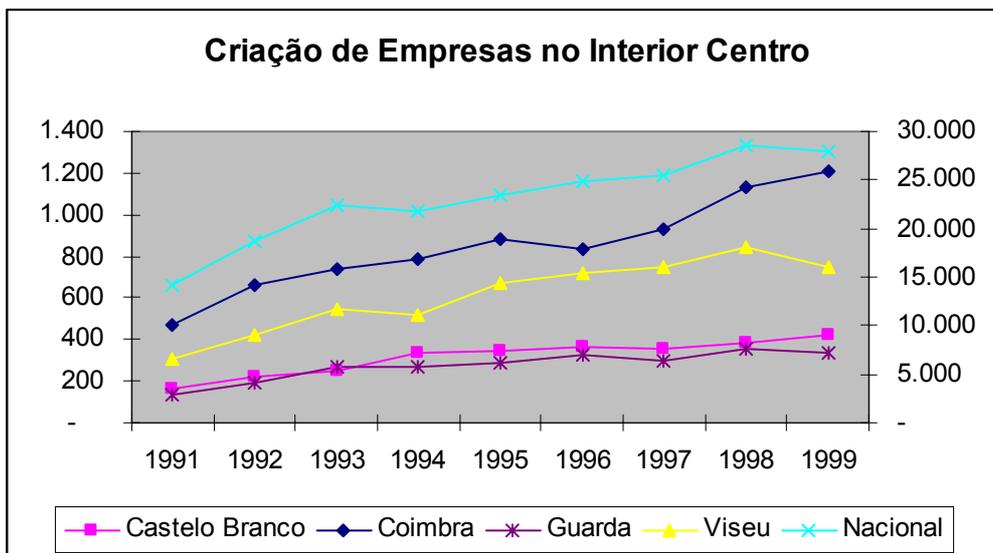


Gráfico 9

Olhando agora para o Alentejo, verifica-se antes de mais uma enorme diferença entre o distrito de Setúbal e os restantes distritos da região. De facto naquele distrito (que nem pertence totalmente ao Alentejo) criaram-se mais empresas do que nos restantes todos juntos (gráfico 10). Nota-se, para além disso que Setúbal segue de perto a tendência nacional, enquanto o restante Alentejo permanece “adormecido” sem reagir aos ciclos nacionais, registando ao longo do período uma reduzida variação no número de empresas criadas (o desvio padrão é o mais baixo a seguir aos distritos açorianos, variando entre 48 e 76).

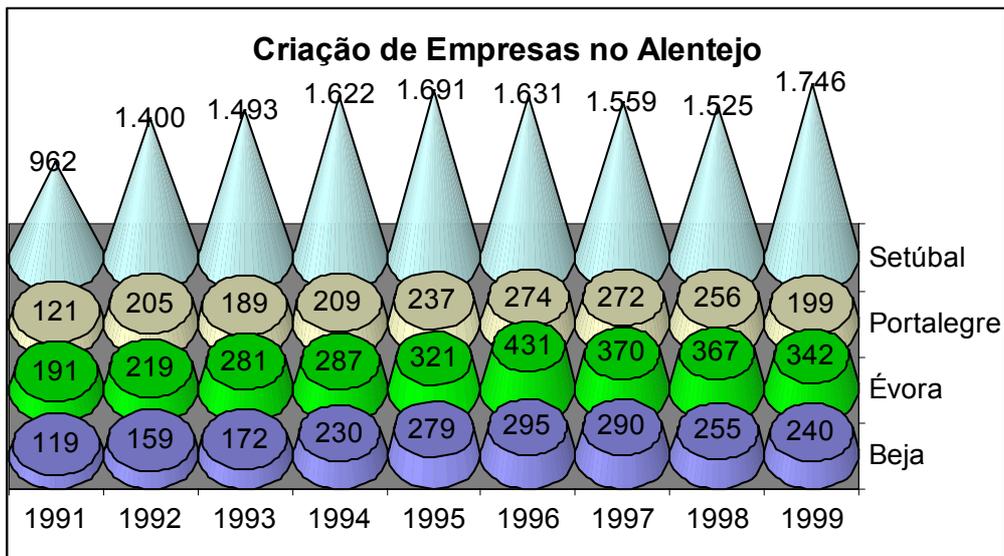


Gráfico 10

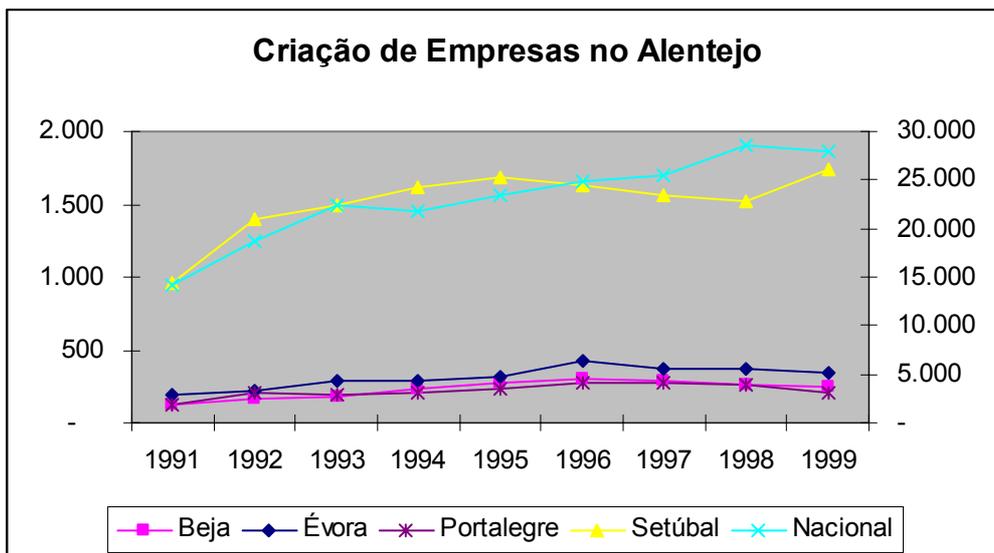


Gráfico 11

Finalmente, analisando os distritos que faltam (Lisboa e Faro) e ainda o resíduo das empresas criadas, para as quais a MOPE não conseguiu identificar o distrito a que pertencem, verifica-se facilmente ser o distrito de Lisboa “de outro campeonato”, no que se refere à criação de empresas. De facto, o peso de Lisboa no total nacional é tão grande que acaba por influenciar decisivamente a evolução deste último, pelo que a evolução dos dois gráficos é praticamente paralela.

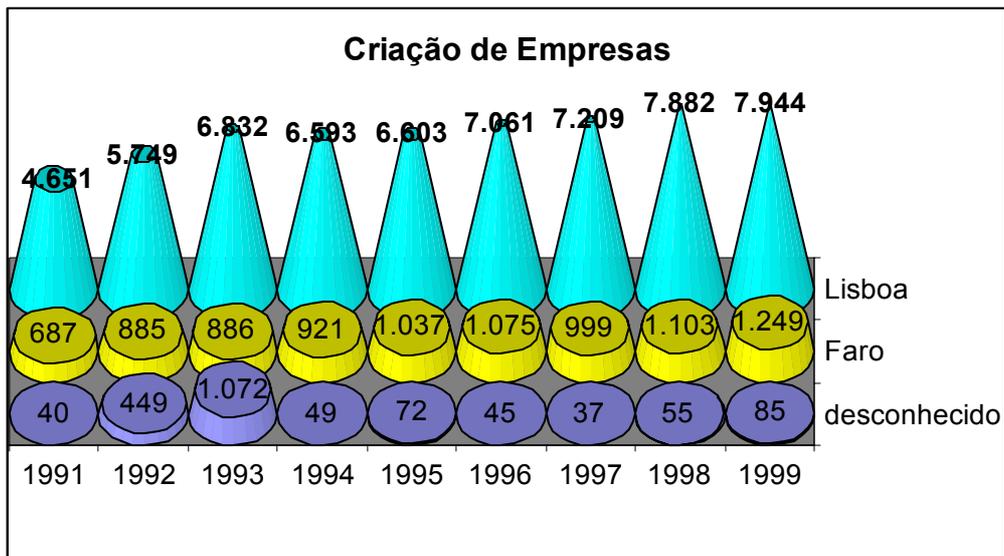


Gráfico 12

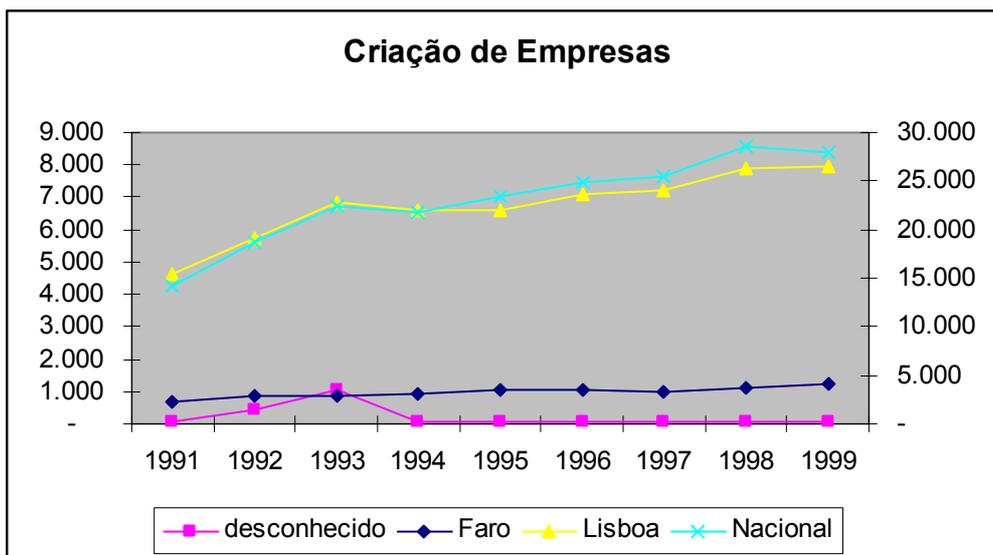


Gráfico 13

Para completar esta análise muito básica do fenómeno do empreendedorismo em Portugal nos anos 1991 a 1999, vale a pena olhar para a forma como o total de empresas criadas e encerradas se distribuiu pelos diferentes distritos (gráfico 14) e verificar o que seria de esperar: Lisboa e Porto assumem um peso descomunal tanto nas empresas criadas, como nas encerradas. De facto (gráficos 15 e 16), estes dois distritos ultrapassam 40% do total de empresas criadas no país, número que revela o elevado nível de concentração deste fenómeno.

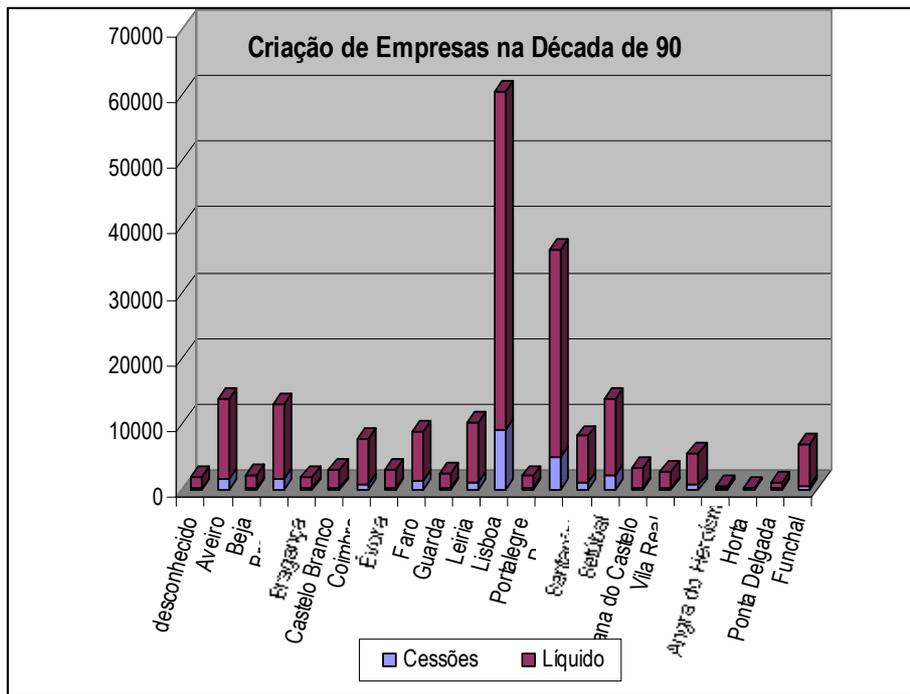


Gráfico 14

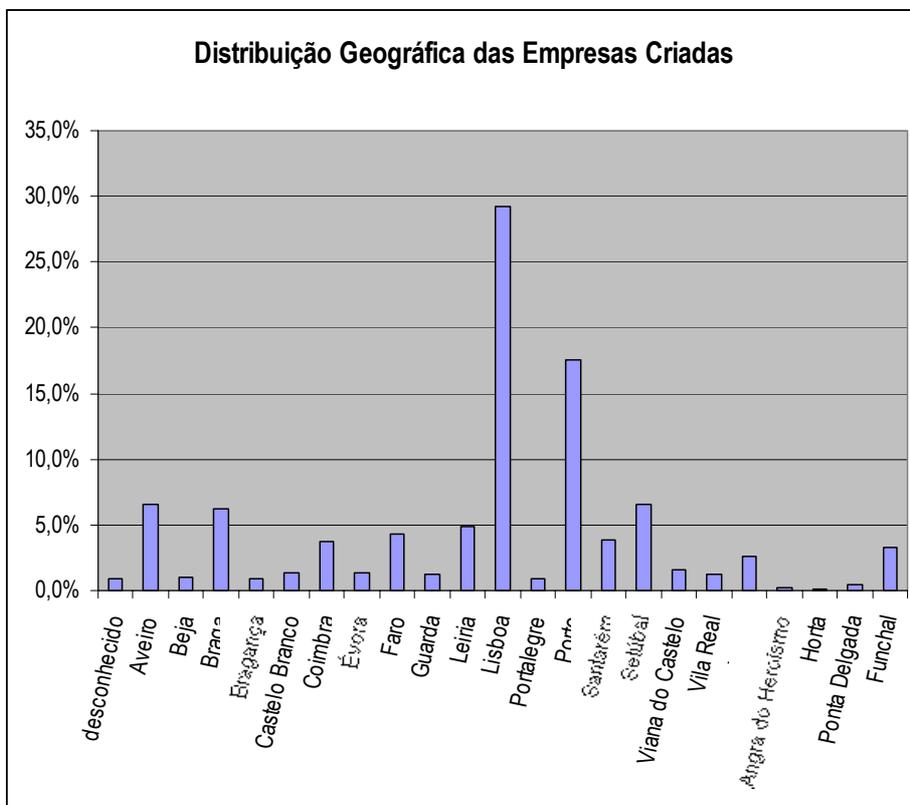


Gráfico 15

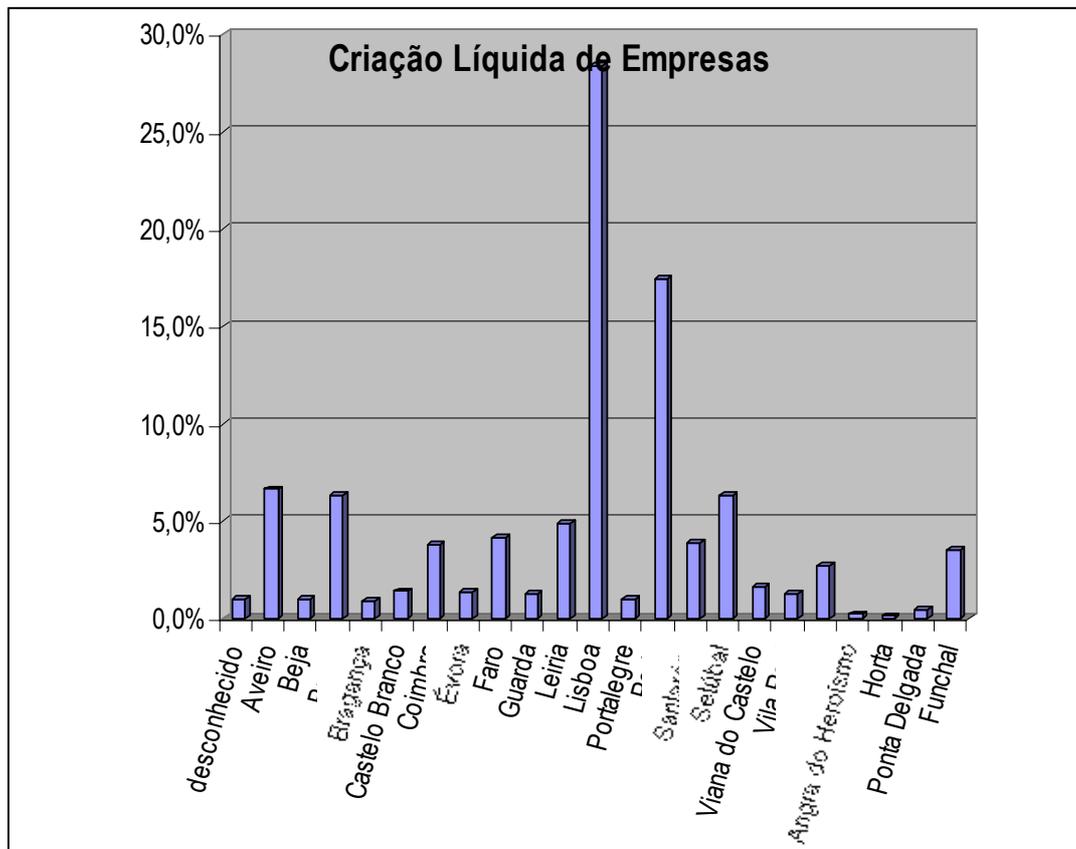


Gráfico 16

4. CONCLUSÕES

Sendo este um trabalho introdutório, que pretende constituir um primeiro passo num caminho mais longo, não deverá ser demasiado ambicioso nas conclusões que se permite estabelecer. Algumas propostas podem contudo ser feitas a partir do exposto neste estudo. Em primeiro lugar, os dados analisados expõem de forma crua e dura a tão falada concentração da actividade económica nacional nos distritos de Lisboa e Porto. As estatísticas aqui analisadas mostram que a iniciativa empresarial do país se encontra tremendamente concentrada nestes dois distritos, que representam quase metade das empresas criadas no país, enquanto os distritos do interior e das ilhas (sobretudo Alentejo e Açores) revelam uma fertilidade extremamente baixa, sobretudo se comparada com os distritos do litoral.

Pode-se ainda propor algumas conclusões quanto à evolução da criação de empresas ao longo deste período. Sendo pacífico dizer que esta evolução foi

claramente crescente ao longo dos anos, vale a pena atentar na diferente forma como o fenómeno evoluiu nos distritos. Mais uma vez, enquanto os distritos do litoral acompanham a evolução nacional, os Açores, o Alentejo e Trás os Montes mantiveram uma letargia preocupante na criação de novas empresas, o que possivelmente terá contribuído para agravar o fosso para os primeiros.

Torna-se assim possível concluir que existem diferenças muito significativas entre as diferentes regiões do país no que se refere à dinâmica de criação de novas empresas bem como na evolução que essa dinâmica registou nos 1991 a 1999! Seguramente que essas diferenças não apenas reflectem os diferentes níveis de desenvolvimento económico como também têm consequências na respectiva evolução e crescimento. Valerá por isso a pena desenvolver mais este estudo para procurar explicações para essas diferenças.

5. LIMITAÇÕES E IMPLICAÇÕES PARA INVESTIGAÇÃO FUTURA

Antes de mais, o presente trabalho está seriamente limitado pela fraqueza da informação estatística disponível. O facto de os empresários em nome individual e os profissionais liberais não estarem representados nestas estatísticas limita claramente a sua representatividade. Outra séria limitação reside na escassez de informação estatística sobre as variáveis analisadas, isto é, a criação e encerramento de empresas. Dito de outra forma, a série estatística sobre o encerramento de empresas não está dividido por ano nem por distrito, enquanto a série sobre criação de empresas é claramente curta: apenas 9 anos.

No futuro a investigação poderá continuar através, antes de mais, do melhoramento destas séries, nomeadamente recorrendo a informação do ministério das finanças. Finalmente, para fazer sentido, esta investigação deverá procurar identificar factores explicativos das diferenças registados entre distritos, na esperança de que alguns desses factores sejam influenciáveis pelas decisões políticas.

6. BIBLIOGRAFIA

Arend, Richard J.. (1999) 'Emergence of Entrepreneurs Following Exogenous Technological Change', *Strategic Management Journal*. Vol.20, 31-47.

Barrett, Hilton e Art Weinstein. (1998) 'The Effect of Market Orientation and Organizational Flexibility on Corporate Entrepreneurship', *Entrepreneurship Theory and Practice*. Fall, 57-70.

Reynolds, Paul. (1994) 'Autonomous Firm Dynamics and Economic Growth in the United States, 1986-1990', *Regional Studies*. Vol.28, N°4, 429-442.

Reynolds, P., D.J. Storey e Paul Westhead. (1994) 'Cross-national comparisons of the variation in new firm formation rates', *Regional Studies*. Vol.28, , 443-456.

Schumpeter, Joseph A.. (1949) '*The theory of economic development*', . , trad. de Redvers Opie, Harvard University Press. Cambridge.